

## O CONVIDADO

## Criar trabalho é prioritário



**EUGÉNIO VIASSA  
MONTEIRO**

*Professor da AESE Business  
School e Dirigente  
da AAPI – Associação  
de Amizade Portugal-Índia*

Entre nós foi muito bom trazer o investimento da Autoeuropa, há já muitos anos. Haveria que atrair, com imaginação, outros de boa dimensão. Não seria de pensar numa operação de uma grande empresa de *software*, por exemplo indiana, que como norma emprega muitos, pondo-se aqui no epicentro dos mercados ricos? Ou uma multinacional farmacêutica para fazer investigação, aproveitando a qualidade dos nossos especialistas, muitos dos quais trabalham noutros países europeus? Tem de ser um esforço inteligente, paciente e perseverante...

Lia há poucos dias uns números muito expressivos. Desde o começo da programa Make in India, seguido do Skill India, com continuação no Start-up India, aquele demorou um tanto a arrancar e a ganhar raízes. Por fim, fê-lo e há esperanças de continuar com rapidez e eficácia.

Nos tempos do “socialismo indiano”, o empreendedor era visto quase como um escroque; os tempos mudaram, felizmente, e hoje louva-se quem empreende e cria riqueza, pois também cria trabalho. Mas a verdade é que a estrutura da legislação e da regulamentação, acompa-

nhada da burocracia do tipo soviético, precisavam de ser desmanteladas, para se arejar o ambiente e torná-lo realmente amigo do empreendedor, para ele começar a desenvolver ideias de fazer e pô-las em prática com rapidez, sem paralisações dos burocratas.

Que números expressivos são aqueles? Referidos unicamente à montagem de *smatphones* na Índia, que eram zero, alcançaram os valores seguintes: em menos de três anos, há fábricas em dez estados da Índia, 25 fabricantes com 35 linhas de montagem. Criaram-se no conjunto 37 500 empregos diretos (e mais 120 mil indiretos), montando-se atualmente 20 milhões de aparelhos por mês, com uma receita prevista de vendas de \$14 400 milhões

em 2016-17. Espera-se montar 500 milhões em 2019-20.

Algo parecido está a dar-se no setor têxtil, no do automóvel, no farmacêutico, no da saúde, da construção civil, da energia solar e eólica, etc.

A batalha de produção é acompanhada pela da capacitação (*skilling*). No ano passado foram 10,4 milhões as pessoas treinadas, cerca de dois a três meses cada uma, para desenvolverem uma tarefa prática, na construção civil, na mecânica, nas montagens eletrônicas e outros trabalhos técnicos ou de informática. E quer-se ampliar o processo de treino para aumentar o número dos que a cada ano têm acesso a ele.

As *startups* estão a tomar balanço. A Índia é o 3.º país em *startups* tecnológicas, a seguir aos

EUA (com 47 mil) e ao Reino Unido (4500) está a Índia, com 4200. Considerando o conjunto das *startups*, tecnológicas e não, a Índia ocupa o 5.º lugar, com cerca de dez mil (ano 2015-16). São números animadores para um país destruído pelo colonialismo e com 43 anos pós-independência de estagnação económica até 1991. Esta tendência parece acelerar-se, dado o grande ímpeto empreendedor indiano e a vontade de alcançar níveis de rendimento mais altos e comparáveis com os dos países desenvolvidos.

Com disse, a montagem dos *smartphones* criou 37 mil postos diretos, que é algo importante para qualquer país; mas é-o também para as empresas que fabricavam noutros países: agora, têm custos mais baixos, pelos salários

inferiores pagos e terão outros benefícios fiscais e uma atenção muito focada das entidades governamentais para não se emperrarem em armadilhas burocráticas.

Há novas políticas e correção da legislação para atrair fabricantes, criando-lhes condições ajustadas. Poder-se-ia pensar se tais condições, nomeadamente de tipo fiscal, não seriam uma distorção do funcionamento do mercado. A fiscalidade está ao alcance de todos os países e não é a única condição de atração; os salários mais baixos não são simples de se conseguir e a Índia é o maior mercado para aqueles produtos, que têm uma taxa de 10,5% sobre os importados, e isso é vantagem de peso para os fabricantes localmente.